

# ESTUDOS DE LINGUÍSTICA

VOLUME I

ANA R. LUÍS  
COORD.



IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ENTRAR DE CABEÇA / SAUTER À PIEDS JOINTS: ANÁLISE CONTRASTIVA  
DE SOMATISMOS EM PORTUGUÊS E EM FRANCÊS

## 1. Introdução

O corpo humano é fonte de inspiração para a linguagem humana, quer pelo simbolismo que carrega, quer pela sua função de principal instrumento de apreensão física e cognitiva da realidade<sup>24</sup>. É através dos sentidos que conhecemos e apreendemos o mundo, para finalmente estarmos em condições de verbalizar experiências de vida, apetências, desejos, anseios, toda uma multiplicidade de facetas que caracterizam o ser humano.

Svensson (2004) dá conta, no seu trabalho, de *expressões fixas, unidades fraseológicas, fraseologias* ou *frasemas*<sup>25</sup>, caracterizadas pelas particularidades que revelam de cada língua, bem como pelo colorido que imprimem à comunicação, dados os processos de transformação figural (metáfora, metonímia, sinédoque e eufemismo, entre outros) que estão na sua origem, bem como a sua mais-valia retórica.

Expressões do tipo *se sauver à toutes jambes, ter o sangue quente* não serão, com certeza, desconhecidas para os falantes que têm o Português e o Francês como línguas não-maternas. Trata-se, com efeito, de estruturas fixas ou semifixas – fraseologias – que fazem parte da comunicação quotidiana de todas as línguas, mas que podem passar despercebidas ao

---

<sup>24</sup> Texto elaborado no âmbito da Dissertação de Mestrado em Linguística e Ensino, especialidade em Linguística Aplicada, apresentada à FLUC em novembro de 2009, sob a orientação da Professora Doutora Maria Francisca Athayde e da Professora Doutora Graça Rio-Torto.

<sup>25</sup> Internacionalismos que se vão impondo na literatura específica, sendo que a utilização do último termo prevalece na última série HSK de Burger *et al.* (2007)

falante comum pelo grau de enraizamento que evidenciam na sua comunidade linguística.

50 Não é nosso objetivo aprofundar a definição das construções que se enquadram no âmbito do fenómeno fraseológico, bem como a diversidade do seu escopo e as dificuldades que se colocam aos trabalhos de investigação desenvolvidos nessa área<sup>26</sup>. Procuraremos enunciar as principais propriedades das fraseologias, servindo esta breve incursão para refletir sobre as relações de “forma-significado” que se estabelecem entre os pares de expressões que serão objeto de descrição, com o objetivo de apurar divergências e convergências entre os somatismos<sup>27</sup> – doravante também designados SO – do par de línguas em contraste, num contributo para a procura de universais fraseológicos que atestam a crescente globalização das línguas e das culturas.

## 2. Propriedades das fraseologias

O tratamento das propriedades e da tipologia do fenómeno fraseológico<sup>28</sup> envolve, como se percebe, dois tópicos intimamente relacionados: um primeiro ligado aos traços definitórios das fraseologias – na sua relação com as unidades unverbais e as combinatórias não-fraseológicas – e um segundo dedicado ao enquadramento tipológico das fraseologias.

---

<sup>26</sup> Procurámos refletir, sempre que oportuno, o pensamento teórico de autores consagrados nesta matéria e que ajudaram a configurar o nosso trabalho, tais como Zuluaga (1980), Fleischer (1997), Larreta Zulategui (2001), Sanromán (2001), Burger (2003), Mellado Blanco (2004), Svensson (2004) e Burger *et al.* (2007).

<sup>27</sup> A designação ‘somatismo’ tem origem no Grego *soma*, que denominava o “corpo”. Consideramos que os SO são fraseologias que incluem, como componente, um lexema que designa uma parte da anatomia humana ou animal. Neste estudo, cingir-nos-emos, no entanto, a SO que se reportem a partes do corpo humano, uma vez que constituem, como facilmente se compreende, a maioria dos SO inventariados.

<sup>28</sup> A nossa opção pelo modelo de Burger (2003) foi motivada pelo facto de o linguista suíço propor uma conceção lata e flexível de Fraseologia enquanto subdisciplina da Lexicologia, tentando compatibilizar conhecimentos já consolidados nesta esfera de trabalho e aspetos da investigação mais recente, resultantes, entre outros, de diversos estudos no âmbito da Linguística do Corpus. Não obstante o suporte da língua alemã, os exemplos, as propriedades e as subclasses apresentadas de forma clara e sistemática pelo autor têm aplicabilidade na descrição do material fraseológico português e de outras línguas.

Devido à heterogeneidade do fenómeno fraseológico, as propriedades<sup>29</sup> elencadas por Burger (2003: 15-32) – *Polilexikalität, Festigkeit* e *Idiomatizität*, ou seja, a natureza pluriverbal, a fixidez e a idiomaticidade – deverão ser sobretudo vistas como traços que definem, com maior ou menor amplitude, diferentes subtipos de expressões (Athayde 2007: 40)<sup>30</sup>.

Por outro lado, nem todas estas propriedades funcionam como traços definitórios das fraseologias em relação ao ‘discurso livre’ ou outras unidades do Léxico, sendo por isso relevante o contributo de Svensson (2004: 139) para a definição daquelas que são condições necessárias e suficientes, para podermos identificar combinatórias lexicais estáveis.

51

## 2.1. Natureza pluriverbal

É o traço mais evidente das fraseologias – constituídas por mais do que uma palavra –, não sendo, todavia, condição suficiente para a definição do nosso objeto de estudo (Svensson 2004: 142). Constitui somente um indício, uma vez que não distingue univocamente as fraseologias do ‘discurso livre’<sup>31</sup>.

Se a questão da fronteira mínima não parece suscitar dúvidas, o “limite máximo” tornou-se difícil de precisar, tendo Burger (2003: 15), incluído, neste quadro teórico, estruturas fráscicas ou textuais memorizadas pelos

---

<sup>29</sup> Fleischer (2007) veicula, a nosso ver, uma conceção menos dinâmica do que aquela proposta por Burger (2003) e, por isso, mais conservadora de ‘fraseologia’ e, consequentemente, de ‘fraseologia’, ao colocar numa zona periférica expressões que evidenciem um menor grau de fixidez ou que não sejam idiomáticas. No entanto, o seu manual complementa o trabalho de Burger (2003), uma vez que fornece ao leitor um vasto conjunto de exemplos. Não poderíamos deixar de salientar os trabalhos de Hundt (1994) e Burger *et al.* (2007) na área da investigação fraseológica. Hundt (1994) constitui uma obra de referência sobre a fraseologia do Português, ilustrada com numerosos exemplos. O mesmo acontece com Burger *et al.* (2007) que procura, numa síntese alargada das ideias apresentadas em Burger (2003), abordar questões de índole semântica e textual, de crucial importância no tratamento das fraseologias.

<sup>30</sup> É o caso da fixidez pragmática que caracteriza unicamente as fraseologias comunicativas, fórmulas de rotina ou fraseologias pragmáticas.

<sup>31</sup> Poder-se-ão detetar algumas marcas de superfície que ajudarão essa distinção, como sejam os “componentes únicos” – (pt.) *nem chus nem bus*, (fr.) *rester bouche bée* –, particularidades como (pt.) *ser de arrepiar os cabelos*, e não *\*ser de arrepiar o cabelo*, (fr.) *avoir les foies (blancs)*, e não *\*avoir le foie (blanc)* ou incompatibilidades a nível dos traços sémicos dos componentes – (pt.) *ter um coração de pedra*, *ter a cabeça em água*, *ter um coração de ouro*; (fr.) *avoir un cœur de pierre*, *avoir un noeud dans la gorge*, *avoir du sang bleu*, por exemplo.

falantes da comunidade, enquanto Fleischer (1997) só considera um núcleo restrito, puramente idiomático.

## 2.2. Fixidez

52 Tido por muitos autores como o denominador comum entre todas as fraseologias – entre outros, por Zuluaga (1980: 15), Burger (2003: 16), Mellado Blanco (2004), Svensson (2004) –, o caráter estável das fraseologias resulta da fixação em bloco de um grupo livre de palavras, sendo a estabilidade da sua forma e o caráter constante da sua composição lexical que determinam a sua reprodução holística no discurso<sup>32</sup>.

Fixidez psicolinguística	A ‘memorização’ (Svensson 2004: 45 e ss.), propriedade partilhada por todas as fraseologias, implica o processamento de estruturas pré-fabricadas na memória do falante e, posteriormente, a sua recuperação e reprodução em contexto comunicativo <sup>33</sup> .
Fixidez estrutural	Critério simultaneamente necessário e suficiente <sup>34</sup> revela, ainda que em grau variável, fixidez morfossintática, por um lado, e fixidez semântico-lexical, por outro.
Fixidez pragmática	Deflui da fixação de determinadas fraseologias a contextos comunicativos específicos (Burger 2003: 29 e ss.). São disso exemplo as fórmulas de cumprimento, de agradecimento, de despedida e de felicitação.

Quadro 1 - Propriedades das fraseologias

<sup>32</sup> No entanto, como refere Zuluaga (1980: 24), nem todas as reproduções discursivas levam à fixação em bloco de palavras que normalmente coocorrem. São, na verdade, repetições com uso social concreto e generalizado a todos os contextos de comunicação que originam as fraseologias. Ficam assim excluídas as “fraseologias familiares”, por não se estenderem a uma comunidade linguística mais vasta.

<sup>33</sup> Testes psicolinguísticos com fraseologias incompletas que os falantes deverão preencher (Lückentests) – mencionados por Burger (2003: 17-18) e exemplificados por Svensson (2004: 47 e ss.) – provam a natureza holística das fraseologias (Athayde 2007: 45). Com efeito, os resultados dos testes não só corroboram que o mesmo preenchimento ocorre repetidamente com um grande número de falantes, o que pressupõe que são reconhecidas intuitivamente por estes, como também permitem avaliar o grau de enraizamento das fraseologias na comunidade linguística.

<sup>34</sup> Propriedade escalar que permite distinguir as fraseologias do “discurso livre”. Encontraremos, por outras palavras, expressões mais fixas do que outras em função dos bloqueios paradigmáticos ou transformacionais que sobre elas impendem: quanto mais bloqueios sofrerem ou anomalias apresentarem, mais fixas (estáveis) serão as fraseologias em análise.

Recorrendo a Burger (2003: 16 e ss.), percebe-se facilmente que a fixidez é uma propriedade escalar e multidimensional – com caráter psicolinguístico, estrutural (morfo sintático e semântico-lexical) e pragmático – que define as fraseologias por oposição à coocorrência livre de palavras, motivo pelo qual as abordaremos com algum pormenor no Quadro 1.

### 2.3. Idiomaticidade

Propriedade entendida como sinónima de não-composicionalidade, sendo que não existe nenhum mecanismo que nos permita, a partir da leitura literal, deduzir o significado do idiomatismo. É, de acordo com Fleischer (1997: 30 e ss.) e Burger (2003: 31-32), a discrepância entre o significado extrafraseológico e o sentido figurado da expressão que está na origem de combinatórias de três tipos:

Expressões parcialmente idiomáticas em que parte dos componentes mantém o significado que carrega fora da fraseologia:

- (1) *Receber de braços abertos*
- (2) *Savoir sur le bout du doigt*

Expressões totalmente idiomáticas, marcadas, globalmente, pelo seu sentido figurado:

- (3) *Dar o braço a torcer*
- (4) *Manger [qqn.] des yeux*

Expressões não-idiomáticas em que os componentes preservam o seu valor referencial extrafraseológico:

- (5) *Lavar os dentes*
- (6) *Se peigner les cheveux*

Discutidas as propriedades do fenômeno fraseológico, convém lembrar que a investigação se debate ainda com problemas na definição e classificação do seu objeto de estudo, uma vez que os limites delineados no *continuum* entre o ‘livre’ e o ‘fixo’ são muito ténues.

### 54 3. Somatismos do Português e do Francês

Como se pode compreender, a complexidade e a heterogeneidade das expressões que se enquadram no escopo fraseológico motivou a necessidade de estabelecer um microparadigma para este trabalho no seio da classe das fraseologias de valor referencial<sup>35</sup>.

Fixámo-nos nas fraseologias denominativas, mais detalhadamente nos SO<sup>36</sup> e, ainda no âmbito destes, nos cinegramas<sup>37</sup> (*levantar os ombros, abanar a cabeça, arregalar os olhos; hausser les épaules, baisser les bras, tendre l'oreille*), deixando assim de parte provérbios<sup>38</sup> (*Deus dá nozes a quem não tem dentes; il faut tourner sa langue sept fois dans sa bouche avant de parler*). Abordaremos também alguns pares e algumas comparações fraseológicas (*sem pés nem cabeça, se cacher la tête comme une autruche, être bête comme ses pieds*) no domínio dos “modelos fraseológicos”.

---

<sup>35</sup> Na evidente impossibilidade de seguir um critério único, a investigação fraseológica reconhece a importância das “classificações mistas” (*Mischklassifikationen*), herdadas da tradição soviética, que combinam diferentes critérios. A tipologia de Burger (2003: 36 e ss.) serviu de enquadramento ao nosso trabalho, sendo a clareza, o grau de sistematicidade e o caráter inovador, o motivo por que se generalizou no âmbito da Germanística.

<sup>36</sup> Sobre a origem e formação dos SO, destacamos os importantes contributos de Földes (1985), Čermák (1998) e Mellado Blanco (2004).

<sup>37</sup> Incluídos no domínio das “classes especiais” por Burger (2003: 46), os cinegramas evocam um comportamento – concebido e codificado linguisticamente com base no simbolismo que assumiu num momento específico. As fraseologias inseridas nesta categoria mantêm ativas, ao contrário do que acontece com os restantes idiomatismos (Burger 2007: 101), a leitura literal e a leitura fraseológica de uma expressão.

<sup>38</sup> As expressões idiomáticas do nosso *corpus* têm a forma de sintagma, sendo que a sua utilização na comunicação admite livre preenchimento do sujeito e dos complementos.

### 3.1. Designações de partes do corpo usadas em expressões idiomáticas

Mediante a análise dos dados recolhidos, o *corpus* em estudo revelou, como seria de prever, alguma convergência no que respeita às referências e analogias traçadas no uso de SO em ambas as línguas.

Registou-se que, por exemplo, o conceito de “amor” e a imagem que a este associamos (bondade, ternura, força, generosidade, sinceridade, etc.) são comumente referenciadas pelo “coração”, quer no Português, quer no Francês, facto que explica ocorrências como<sup>39</sup>:

55

(7) *fazer [qc.] do coração, ir direito ao coração [de alg.], ter alegria no coração, ter (bom) coração, ter um coração de leão / forte, ter um coração de ouro*

(8) *avoir du cœur, avoir la main sur le cœur, parler à cœur ouvert, porter [qqn.] dans son cœur, ouvrir son cœur*

No conjunto dos SO recolhidos, pudemos verificar que as denominações das partes do corpo humano mais produtivas são substancialmente as mesmas em ambas as línguas, como ilustra o Gráfico 1:

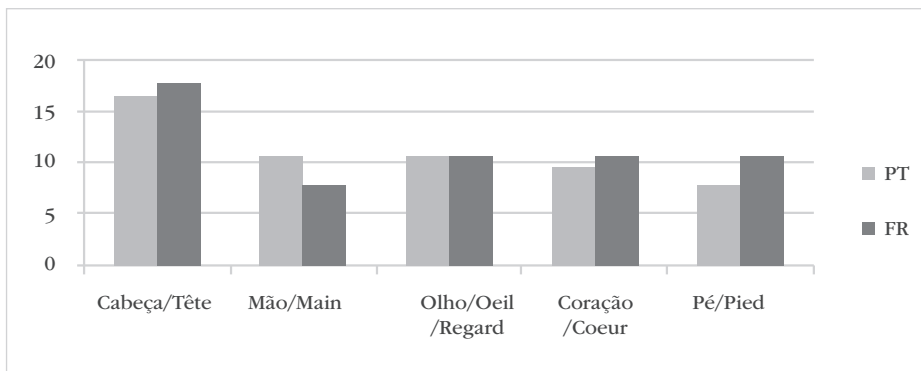


Gráfico 1 - Designações de partes do corpo humano com uma utilização superior a 8%

<sup>39</sup> Contudo, o uso deste componente nem sempre serve a expressão de sentimentos eufóricos, mas também disfóricos, que aludem, claramente, a sentimentos de medo, receio e preocupação: *ter um aperto no coração; estar / ficar com o coração nas mãos*. Encontrámos ainda exemplos que exprimem, respetivamente, a necessidade de ultrapassar dificuldades, nostalgia, tristeza e dor causada em outrem: *pôr o coração ao largo; avoir le cœur serré, briser / déchirer le cœur [de qqn.], crever le cœur [de qqn.]*.



Ao analisarmos estes dados, podemos concluir que a maior ou menor frequência de uso de determinada designação de órgão ou membro prende-se, em grande parte, com a sua potencialidade semântica. Com efeito, são mais utilizadas designações e órgãos que desempenham um papel mais relevante nas nossas capacidades motoras, sensoriais e cognitivas.

Verificámos também que alguns dos lexemas para referir uma parte do corpo ou atividade se referem à mesma parte do corpo, ou seja, são variantes lexicais ao nível dos SO como *coração / cor*<sup>40</sup>, *orelha / ouvido*, *face / figure*, *doigt / pouce*<sup>41</sup>, *œil / regard*, ainda que designent partes do corpo distintas na realidade extrafraseológica.

A lista dos componentes que remetem para partes do corpo humano é bastante extensa. Ao analisarmos os dados recolhidos, pudemos concluir que as denominações das partes do corpo humano mais produtivas são substancialmente as mesmas em ambas as línguas: *cabeça/tête*, *mão/main*, *coração/cœur*, *olho/œil*, *pé/pied* e *boca/bouche*. A maior ou menor frequência de uso de determinada designação de órgão ou membro prende-se, em grande parte, com a sua potencialidade referencial. Com efeito, são mais utilizadas designações de órgãos que desempenham um papel mais relevante nas nossas capacidades motoras, sensoriais e cognitivas. A “cabeça” simboliza o intelecto, o esclarecimento, o centro da atividade cognitiva do ser humano. Por sua vez, a “mão” remete para qualquer atividade, o poder e o domínio. O “coração” é o órgão central do indivíduo, apontando, de modo geral, para os sentimentos, a inteligência e a intuição (centro de afetividade e intelectualidade). O “pé” corresponde ao apoio do corpo, sendo por isso símbolo de apoio e poder. Por último, a “boca” é capaz de destruir, matar, confundir e rebaixar, pois, como sabemos, a boca derruba tão depressa como edifica os seus castelos de palavras, como se observa em (pt.) *andar de boca em boca*, *andar nas bocas do mundo*, *dizer à boca cheia*, *ser só da boca para fora*, *ter má boca*; (fr.) *courir de bouche en bouche*, *dire à pleine bouche*, *être sur toutes les lèvres*.

<sup>40</sup> Palavra derivada do étimo latino *cor*, *cordis* que preserva ainda, no Português contemporâneo, a sua forma arcaica.

<sup>41</sup> Consideramos *doigt* e *pouce* numa mesma rubrica, uma vez que estão intimamente relacionadas pela proximidade espacial e, naturalmente, pela relação de metonímia estabelecida na expressão *ne pas bouger d'un pouce*, em que esse último – *polegar / pouce* – representa um dedo específico.

A comparação entre as duas línguas revelou ainda que algumas designações não denotem tão grande produtividade como as referidas anteriormente. É o caso de *fígado*, ilustrado, no caso do Português, com uma única ocorrência, numa clara alusão ao “(mau) humor”:

(9) *ter maus fígados*

57

No caso do Francês, o mesmo componente integra apenas quatro SO que apontam para o “medo” e para o “humor”:

(10) *avoir les foies blancs*

(11) *donner les foies*

(12) *avoir les jambes en pâté de foie*

(13) *manger les foies*

Com base nos exemplos (9) a (13), interessante se torna verificar que, ao contrário do que sucede em Francês, não se registam em Português idiomatismos com o componente *fígado* que reenviem para a noção de “medo”.

### 3.2. Análise contrastiva

Refletiremos, neste capítulo, sobre as relações de “forma-significado” que se estabelecem entre os pares de expressões que serão objeto de descrição, fundamentando-nos principalmente na proposta de análise contrastiva de Larreta Zulategui (2001: 69).

O linguista avalia, no quadro do Espanhol e do Alemão, a relação “forma-significado” dos SO recolhidos com base em:

- aspetos morfossintáticos, sendo consideradas a isomorfia ou a anisomorfia de estruturas;
- aspetos lexicais, sendo avaliado o grau de congruência do componente lexical;

- aspetos semânticos, que avaliam o conteúdo dos SO, isto é, a equivalência do significado fraseológico nas expressões recolhidas no par de línguas em estudo.

58 Tendo em conta estes critérios, encontraremos casos de equivalência total ou absoluta, parcial ou nula, sendo também incontornável a referência a raros casos de pseudo-equivalência ou equivalência aparente, que seguidamente abordaremos.

### 3.2.1. Equivalência total

Relação entre expressões das duas línguas que veiculam o mesmo conteúdo semântico e que utilizam os mesmos recursos equivalentes e cognatos, como ilustra o Quadro 2<sup>42</sup>.

Português	Francês
<i>Abrir a boca</i>	<i>Ouvrir la bouche</i>
<i>Ser o braço direito [de alg.]</i>	<i>Être le bras droit [de qqn]</i>
<i>Meter [qc.] na cabeça [de alg.]</i>	<i>Mettre [qqcb] dans la tête [de qqn]</i>
<i>Ter a cabeça fria</i>	<i>Avoir la tête froide</i>
<i>Agarrar a ocasião pelos cabelos</i>	<i>Saisir l'occasion par les cheveux</i>
<i>Ser o calcanhar de Aquiles [de alg.]</i>	<i>Être le talon d'Achille [de qqn.]</i>
<i>Virar/voltar as costas [a alg./qc.]</i>	<i>Tourner le dos [à qqn./qqcb.]</i>
<i>Estar armado até aos dentes</i>	<i>Être armé jusqu'aux dents</i>
<i>Estar em boas mãos</i>	<i>Être en bonnes mains</i>
<i>Ter (uma) memória de elefante</i>	<i>Avoir une mémoire d'éléphant</i>
<i>Meter o nariz [em qc.]</i>	<i>Mettre le nez [dans qqcb]</i>
<i>Olhar [alg.] por cima do ombro</i>	<i>Regarder [qqn] par-dessus l'épaule</i>
<i>Arrebitar a orelha</i>	<i>Dresser/tendre l'oreille</i>
<i>Estar em/num tête-à-tête [com alg.]<sup>43</sup></i>	<i>Être en tête-à-tête [avec qqn]</i>

Quadro 2 – Equivalentes totais

<sup>42</sup> A relação de equivalência total encontra a sua justificação nas funções desempenhadas pelas partes do corpo humano designadas – comuns a todos os seres humanos – e pelo simbolismo que a elas se atribui – fruto, por sua vez, da base cultural comum ao par de línguas que nos propomos estudar.

<sup>43</sup> Note-se, no caso do Português, a manutenção do original, o galicismo “tête-à-tête”.

### 3.2.1.1. Casos problemáticos no quadro da equivalência total

Detetámos SO que não correspondem plenamente à definição de ‘equivalência total’, dado que evidenciam diferenças de superfície que não cumprem o grau máximo de congruência pretendido<sup>44</sup>.

Dos diferentes casos identificados<sup>45</sup>, exemplificaremos apenas o da sinonímia verbal por ser, a nosso ver, o mais problemático, merecendo, por esse motivo, um tratamento específico.

59

Português	Francês
<i>Encher a barriga/o papo</i>	<i>Se remplir le ventre</i>
<i>Andar/correr de boca em boca</i>	<i>Aller/courir de bouche en bouche</i>
<i>Cair/meter-se na boca do lobo</i>	<i>Se jeter dans la gueule du loup</i>
<i>Virar a cabeça [a alg.]</i>	<i>Tourner/reverser la tête [à qqn] Faire tourner la tête [de qqn]</i>
<i>Escapar por entre os dedos</i>	<i>Glisser entre les doigts</i>
<i>Mostrar/arreganhar os dentes</i>	<i>Montrer les dents</i>
<i>Não conseguir pregar olho a noite toda</i>	<i>Ne pas pouvoir fermer l'œil de la nuit<sup>46</sup></i>
<i>Levar [alg.] pela ponta do nariz</i>	<i>Mener [qqn.] par le bout du nez</i>
<i>Encolher os ombros</i>	<i>Hausser les épaules</i>

Quadro 3 - Casos problemáticos no quadro da ‘equivalência total’: a sinonímia verbal

Exemplos do Quadro 3 demonstram que, embora não sejam totalmente equivalentes, os verbos utilizados em ambas as línguas veiculam um mesmo

<sup>44</sup> A categorização de alguns casos como aqueles que passaremos a enunciar não é consensual na área da investigação, por estes serem fenómenos de fronteira. Hundt (1994) e Batista (2006) inserem estas diferenciações interlinguísticas nos equivalentes parciais, mesmo que não afetem nem a estrutura sintática nem o componente lexical básico, elementos-chave que definem a relação de equivalência interlinguística.

<sup>45</sup> Identificámos, nesta zona de fronteira, SO em que as variantes ou covariantes apresentam diferenças a nível do artigo, do modificador adjetival ou até mesmo da adição de um componente nominal, por um lado, e a ocorrência de preposições distintas em cada uma das línguas que não permite paralelismos sistemáticos de uma língua para outra, por outro lado.

<sup>46</sup> O preenchimento dos complementos apresenta ainda algumas divergências, sendo de salientar o valor enfático de “toda” na expressão portuguesa.

sentido, evocam uma mesma representação mental, justificando, na nossa opinião, a sua inclusão no grupo dos equivalentes totais.

São exemplo de discrepâncias que não podem deixar de ser abordadas num trabalho de índole contrastiva, por constituírem um importante núcleo de trabalho nas aulas de LE.

60

### 3.2.1.2. Equivalência total defetiva

Podem ainda atestar-se casos de equivalência total defetiva em que as diferenças revelam anisomorfias tipológicas entre línguas comparadas. São, segundo Larreta Zulategui (2001: 103-104), discrepâncias sistemáticas, fruto de idiosincrasias gramaticais de cada língua.

Uma das especificidades do Português é a possibilidade de contração da preposição e do determinante, apenas presente no Francês nos casos pontuais de *des* (de+les), *aux* (à+les) e *du* (de+le):

(14) *ter um nó na garganta*

(15) *avoir un nœud dans la gorge*

Outra anisomorfia tipológica envolve o uso do partitivo em Francês, sem correspondente explícito no Português:

(16) *chorar lágrimas de sangue*

(17) *pleurer des larmes de sang*

A aparente divergência no que respeita a realização da categoria ‘número’ é outro caso de equivalência total defetiva:

(18) *ser um quebra-cabeças<sup>47</sup>*

(19) *être un casse-tête (chinois)*

---

<sup>47</sup> Temos em *quebra-cabeças* uma palavra composta que, em Português, não admite singular, provando assim que estamos perante um equivalente total.

Por último, Földes (1996: 122-123) e Larreta Zulategui (2001: 125 e ss.) referem ainda casos especiais de hiponímia / hiperonímia que não deverão ser considerados exemplos inequívocos de equivalentes totais ou parciais. Situados na fronteira entre dois subtipos de relações, são casos como os apresentados seguidamente que nos permitem concluir que a equivalência total fica comprometida por força da presença de traços sémicos adicionais numa das fraseologias contrastadas:

61

(20) *saltar à vista, andar nas bocas do mundo*

(21) *sauter aux yeux, être sur toutes les lèvres*

### 3.2.2. Equivalência parcial

Grande parte dos SO recolhidos enquadram-se na categoria dos equivalentes parciais, motivo pelo qual sentimos a necessidade de estabelecer subdivisões, na medida em que, partindo do mesmo significado denotativo, de imagens muito próximas, foram encontrados diferentes graus de isomorfia estrutural e de congruência do componente lexical.

No entanto, dada a descrição extremamente fina que desenvolvemos e o elevado número de SO analisados, seguiremos, de uma forma mais abrangente, as categorias de sinónimos estruturais, dos sinónimos ideográficos e dos sinónimos funcionais propostos por Larreta Zulategui (2001) e Földes (1996).

#### 3.2.2.1. Sinonímia estrutural

Trata-se de uma relação em que os SO partilham um mesmo significado denotativo um modelo sintático semelhante, mas cuja estrutura apresenta algumas diferenças a nível do componente lexical e/ou a nível morfossintático<sup>48</sup>.

---

<sup>48</sup> Centrámó-nos, no caso das discrepâncias a nível morfossintático, nos pares de fraseologias que registam: divergências no uso de determinante – na sua presença ou na sua ausência – (*ter mão de ferro / avoir une main de fer*), divergências no uso da preposição (*pôr o dedo na ferida / mettre le doigt sur une plaie*) e divergências a nível da categoria de ‘número’ (*bater o dente / claquer des dents*).

Os exemplos apresentados nesta secção do nosso trabalho constituíram casos de difícil classificação no âmbito da investigação, uma vez que a utilização de componentes lexicais diferentes em ambas as línguas suscita uma imagem também ela diferente nos falantes ou ouvintes (Athayde 2007: 133).

62 Dado a extensão dos SO incluídos neste grupo, destacamos seguidamente alguns exemplos no quadro da variação lexical<sup>49</sup>, mais precisamente as discrepâncias que consistem sobretudo na alteração do componente nominal, também com alguma influência no componente adjetival, por serem as mais produtivas e singulares no nosso *corpus*.

Português	Francês
<i>Ficar de boca <u>aberta</u></i>	<i>Rester bouche <u>bée</u></i>
<i>Fazer [qc.] de <u>cabeça</u> fria</i>	<i>Faire [qqcb] de <u>sang-froid</u></i>
<i>Não ter <u>cabeça</u> [para qc.]</i>	<i>(Ne pas) avoir l'<u>esprit</u> [à faire qqcb]</i>
<i>Não chegar aos <u>calcanhares</u> [de alg.]</i>	<i>Ne pas arriver à la <u>cheville</u> [de qqn]</i>
<i>[Qc.] custar os olhos da <u>cara</u></i>	<i>[Qqcb] Coûter les yeux de la <u>tête</u></i>
<i>Partir a <u>cara</u>/os <u>dentes</u> [a alg.]</i>	<i>Casser le <u>nez</u> [à qqn]</i>
<i>Ser a <u>cara</u> (chapada) [de alg.]</i>	<i>Être le <u>portrait</u> (craché) [de qqn]</i>
<i>Pôr o coração ao <u>largo</u></i>	<i>Mettre le cœur de <u>côté</u></i>
<i>Ter um coração <u>de leão</u>/forte</i>	<i>Avoir un <u>brave</u> cœur</i>
<i>Escolher [alg.] a <u>dedo</u></i>	<i>Choisir [qqn] de l'<u>œil</u></i>
<i>Ter <u>um nó</u> na garganta</i>	<i>Avoir la gorge <u>serrée</u></i>
<i>Saber na ponta da <u>língua</u></i>	<i>Savoir sur le bout du <u>doigt</u></i>
<i>Ter [qc.] entre as <u>mãos</u></i>	<i>Avoir [qqcb] sur les <u>bras</u></i>
<i>Ter <u>mãos</u> de fada</i>	<i>Avoir des <u>doigts</u> de fée</i>
<i>Ter ouvidos de <u>lísico</u></i>	<i>Avoir de <u>bonnes</u> oreilles</i>
<i>Não arredar <u>pé</u></i>	<i>Ne pas bouger d'un <u>pouce</u></i>
<i>Sem <u>pés</u> nem <u>cabeça</u></i>	<i>Sans <u>queue</u> ni tête</i>
<i>Gritar a <u>plenos pulmões</u></i>	<i>Crier à <u>tue-tête</u></i>

Quadro 4 - Sinónimos estruturais - divergências no componente nominal ou adjetival

<sup>49</sup> No conjunto do *corpus* recolhido, detetámos divergências a nível do componente verbal (*fazer* braço de ferro/ *avoir* un bras de fer; *puxar* pela cabeça / *se creuser* la tête), na divergência de um ou mais lexemas ( *apanhar* [alg.]com a *boca* na *botija* / *prendre* [qqn.] la *main* dans le *sac*; fugir a *sete pés* / *se sauver* à *toutes jambes*) e na diferença no número de componentes (*suar sangue* / *suer sang* *et eau*; *esfregar as mãos* *de contente* / *se frotter les mains*).

### 3.2.2.2. Sinonímia ideográfica

Defendemos, na senda de Larreta Zulategui (2001: 144), que a sinonímia ideográfica é também um caso de equivalência parcial. Para que sejam considerados sinónimos ideográficos, a imagem mental e o significado veiculado pelos idiomatismos de ambas as línguas deverão ser forçosamente idênticos, ainda que o modelo sintático possa ser distinto (anisomorfia estrutural). Contudo, estas fraseologias manifestam alguma congruência lexical, uma vez que o elemento-chave (o componente nominal) e todo o seu simbolismo são equivalentes em ambas as línguas.

63

Detetámos, no *corpus* recolhido, alguns sinónimos ideográficos, mais do que inicialmente esperávamos, como são exemplo:

(22) *dormir com um olho aberto e outro fechado, andar com a cabeça à roda, estar por um cabelo*

(23) *ne dormir que d'un œil, avoir la tête qui tourne, ne tenir qu'à un cheveu*

Verificamos, a título ilustrativo, que *dormir com um olho aberto e outro fechado* e *ne dormir que d'un œil* suscitam um mesmo significado denotativo, confirmado pelo recurso não só ao mesmo verbo, como também à designação de um mesmo órgão do corpo humano, os olhos. Se o Português coloca a tónica no papel desempenhado por cada olho, um aberto – a vigiar – e outro fechado – a descansar –, o Francês opta por valorizar o facto de “dormir” apenas afetar um olho, uma vez que o outro e encontra em alerta.

### 3.2.2.3. Sinonímia funcional

Neste caso, a relação estabelecida entre os SO de ambas as línguas resume-se à equivalência semântica: portadores de um mesmo significado,



os sinónimos funcionais apresentam um preenchimento lexical e estruturas distintas nas línguas contrastadas<sup>50</sup>:

(24) *ficar de barriga para o ar, escapar por entre os dedos, não ter mãos a medir, fazer [qc.] com uma perna às costas*

(25) *se tourner les pouces, passer sous le nez, ne pas avoir cinquante bras, réussir / gagner les doigts dans le nez*

64

### 3.2.3. Equivalência através de estruturas não-idiomáticas

Contrariamente ao que poderíamos pensar, a ausência de equivalentes em termos de idiomatismos não é sinónimo de ‘ausência de correspondência’. Os idiomatismos de uma língua nem sempre têm, como equivalente na outra língua, um idiomatismo, motivo por que serão, por um mecanismo de compensação interlinguística (Eismann, 1995), vertidas sob a forma de lexema, de um outro tipo de estruturas fraseológicas não-idiomáticas (como sejam, por exemplo, as construções com verbo-suporte) ou através de sintagmas livres que funcionam como suas paráfrases:

(26) *culpar [alg.], ter as costas quentes, ter maus fígados*

(27) *mettre [qqcb.] sur le dos de [qqn.], être sous la protection de [qqn.], être de mauvaise humeur*

### 3.2.4. Pseudo-equivalência

Comumente designados por ‘falsos amigos’<sup>51</sup>, estes pares são expressões semelhantes a nível estrutural e sintático, mas veiculam significados distintos.

---

<sup>50</sup> Hundt (1994) inclui-os, por esse motivo, no grupo dos equivalentes parciais. No entanto, não poderemos deixar de referir a perspetiva de Baptista (2006: 105-106), que opta por tratá-los num grupo independente da equivalência parcial por constituírem expressões totalmente distintas, quer de um ponto de vista formal, quer da perspetiva da imagem que transmitem.

<sup>51</sup> Conceito desenvolvido pela Teoria da Tradução e pela Didática de Línguas Estrangeiras.

O falante ou aprendente de LE poderá, por esse motivo, ser induzido em erro, acreditando estar perante estruturas sinónimas: *estar com a corda ao pescoço / se mettre la corde au cou, tomar corpo / prendre corps*.

#### 4. Considerações finais

65

Como foi oportunamente referido, quanto maior o grau de idiomaticidade das expressões, mais dificuldades de codificação e de descodificação suscitam nos aprendentes de uma LE. Assim, em atividades de produção, e desconhecendo a construção equivalente na língua-alvo, o aluno tenderá a produzir enunciados fraseológicos decalcados da sua LM, mecanismo que poderá resultar em erros, dada a frequente ausência de relações de equivalência total entre unidades fraseológicas das diferentes línguas. Sendo um domínio do Léxico que coloca, em regra, algumas dificuldades ao aprendente de uma LE, a sua inclusão nas aulas de língua é, todavia, indispensável se tivermos em mente que o objetivo é aproximar a proficiência do aprendente estrangeiro da do falante nativo. A natureza muitas vezes lúdica, o caráter expressivo e as suas potencialidades retóricas podem, contudo, transformar a aquisição de fraseologias num tópico que motiva o aluno para a aprendizagem da LE e lhe proporciona não apenas conhecimentos de índole linguística, mas também de caráter sociocultural e intercultural.

A análise estatística dos dados revelou, como seria de prever, informações que já tinham sido adiantadas. Assim, pudemos verificar que existe, de facto, maior número de equivalentes parciais, ainda que, quando comparados com os equivalentes totais, tenhamos valores que excedem ou que estão muito próximos de metade do *corpus* recolhido para este tema. De referir ainda que o número de casos identificados como problemáticos no quadro da 'equivalência total' é bastante significativo, quando comparado com o número de casos que não mereceram reflexões específicas. Por último, a análise do *corpus* permitiu-nos adicionalmente concluir que, no quadro da relação de 'equivalência parcial', prevalece o grupo dos sinónimos estruturais – com o claro predomínio de casos que apresentam variação lexical –, seguido pelos

sinónimos ideográficos, nos quais, como referimos oportunamente, a designação da parte do corpo presente no SO é idêntica no Português e no Francês.

66 A par do confronto de unidades desenvolvido, o contraste interlinguístico assumiu, cumulativamente, a dimensão de um contraste de sistemas, permitindo-nos destacar a existência de “europeísmos” e “universais fraseológicos”. Com efeito, o facto de os SO serem construídos a partir das experiências motivadas por um mesmo elemento em ambas as culturas – o corpo humano – e a partilha de tradições comuns a ambas as comunidades linguístico-culturais explicam a existência de expressões muito semelhantes. O mesmo será dizer que todos os signos linguísticos, incluindo os signos fraseológicos, carregam uma dimensão cultural partilhada por muitas línguas, provando que grande parte do nosso património linguístico e sociocultural deflui de um fundo cultural e civilizacional comum, como sejam a tradição greco-latina, as mesmas origens judaico-cristãs, a Literatura Universal, transmitidas aos longo dos tempos, de geração em geração, de comunidade em comunidade, de continente em continente.

No entanto, SO com um preenchimento totalmente distinto encontram justificação nos diferentes esquemas de apreensão do mundo envolvente, subjacentes à transposição do plano real – da experiência vivida – para o plano figurado, verbalizado, neste caso, através da fraseologia de cada uma das línguas.

A finalizar, gostaríamos de salientar que, não obstante este trabalho se ter dedicado especificamente à análise contrastiva de SO, outras questões, a equacionar em futuros trabalhos, ficaram ainda por explorar. Referimo-nos, por exemplo, a um alargamento do objeto de estudo a outras subclasses de fraseologias com componentes somáticos – como os provérbios, entre outros – ou a um aprofundamento de temas relacionados com a Didática do Fraseoléxico que envolvessem propostas concretas de material didático a utilizar – cadernos de exercícios, capítulos de manuais escolares ou de manuais de apoio ao professor de LE.

## Referências

- Athayde, Maria Francisca (ed.) (2006). *Estudos sobre Léxico e Gramática*. Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos. Coimbra: Minerva Coimbra.
- Athayde, Maria Francisca (2007). *Programas, conteúdos e métodos do ensino teórico e prático das matérias da disciplina semestral do Seminário de Linguística*. Relatório apresentado ao concurso para provimento de uma vaga de Professor Associado do 4º Grupo (Estudos Germanísticos) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Baptista, Sofia Margarida (2006). "Dos pés à cabeça / Von Kopf bis Fuß. Análise contrastiva de somatismos no Português e no Alemão". In: Athayde, Maria Francisca (ed.) *Estudos sobre Léxico e Gramática*, Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos. Coimbra: Minerva Coimbra, 81-110.
- Burger, Harald (2003). *Phraseologie. Eine Einführung am Beispiel des Deutschen*. 2., überarbeitete Auflage. Berlin: Erich Schmidt Verlag.
- Burger, Harald, Annelies Häcki Buhofer, Gertrud Gréciano (Hrsg.) (2003). *Flut von Texten – Vielfalt der Kulturen. Ascona 2001 zur Methodologie und Kulturspezifität der Phraseologie*. Baltmannsweiler: Schneider Verlag Hohengehren.
- Burger, Harald, Dmitrij Dobrovol'skij, Peter Kühn, Neal R. Norrick (Hrsg.) (2007). *Phraseologie/Phraseology. Ein internationales Handbuch zeitgenössischer Forschung*, Volume 1, 2. Berlin/New York: de Gruyter.
- Čermák, František (1998). Somatic Idioms Revisited. In: Eismann, Wolfgang (Hrsg.), 109-119.
- Corpas Pastor, Gloria (1996). *Manual de fraseologia espanhola*. Madrid: Gredos.
- Cortès, Colette (1999). Phraséologie et corps humain. Étude comparative du corps humain dans les expressions phraséologiques en français et en allemand. *Cahier du CIEL* (1998-1999), 85-109.
- Eismann, Wolfgang (1995). Pragmatik und kulturelle Spezifik als Problem der Äquivalenz von Phraseologismen. In: Baur, Rupprecht S. und Christoph Chlosta (Hrsg.). *Von der Einwortmetapher zur Satzmetapher. Akten des Westfälischen Arbeitskreises Phraseologie, Parömiologie*, 94/95. Bochum: Universitätsverlag Dr. N. Brockmeyer, 95-119.
- Eismann, Wolfgang (Hrsg.) (1998). *Europbras 95 - Europäische Phraseologie im Vergleich*. Bochum: Brockmeyer.
- Fleischer, Wolfgang (1997). *Phraseologie der deutschen Gegenwartssprache*, Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Földes, Csaba (1985). Über die somatischen Phraseologismen der deutschen, russischen und ungarischen Sprache. Versuch einer konfrontativen Analyse. *Germanistische Jahrbuch DDR-UVR* 4, 18-40.
- Földes, Csaba (1996). *Deutsche Phraseologie kontrastiv: intra- und interlinguale Zugänge*. Heidelberg: Groos.
- Hundt, Christine (1994). *Untersuchungen zur portugiesischen Phraseologie*. Wilhelmsfeld: Egert Verlag.
- Larreta Zulategui, Juan Pablo (2001). *Fraseologia contrastiva del alemán y el español. Teoría y práctica a partir de un corpus bilingüe de somatismos*. Frankfurt am Main: Peter Lang.
- Mejri, Salah (2003). La stéréotypie du corps dans la phraséologie: approche contrastive. In: Burger, Harald et al. (Hrsg.) (2003), 219-228.
- Mellado Blanco, Carmen (2004). *Fraseologismos somáticos del alemán*. Frankfurt am Main: Peter Lang.
- Sanromán, Álvaro Iriarte (2001). *A unidade lexicográfica. Palavras, colocações, frases, pragmatemas*. Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos.

- Steyer, Kathrin (Hrsg.) (2004). *Wortverbindungen – mehr oder weniger fest*. Institut für Deutsche Sprache, Jahrbuch 2003. Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- Svensson, Maria Helena (2004). *Critères de figement. L'identification des expressions figées en français contemporain*. Omslag: Tommy Sund.
- Zuluaga, Alberto (1980). *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt am Main: Peter Lang.
- Zuluaga, Alberto (2002). Los “enlaces frecuentes” de María Moliner: Observaciones sobre las llamadas colocaciones. *Philologie im Netz*, 22/2002.